

# Vestibular isolado da Unicamp na mesa de debates

RODOLFO DE BONIS

O Pró-Reitor Acadêmico e o Secretário Executivo do Vestibular da Universidade de Campinas (Unicamp), respectivamente Antônio Mário Sette e Jocimar Archangelo, expuseram na semana passada, no auditório da Reitoria da UFRJ, aos membros da Comissão de Estudo de Preparação do Exame de Vestibular da UFRJ, a experiência de seu primeiro vestibular isolado, realizado em dezembro e janeiro de 1987, colocando em xeque a viabilidade ou não de um vestibular inteiramente discursivo. Além dos professores membros da Comissão, estiveram presentes à reunião o Reitor da UFRJ, Horácio Macedo e o Vice-Reitor da Universidade do Rio de Janeiro (Uerj), Ivo Barbiére.

O motivo da vinda dos professores de Campinas, convidados pela Reitoria da UFRJ, foi a já certa saída das universidades públicas do próximo Vestibular Unificado da Fundação Cesgrario. Um aspecto que também ficou bem claro, na reunião, foi a do definitivo "enterro" das questões de múltipla escolha, abolidas das duas fases do vestibular da Unicamp deste ano.

O próprio pró-reitor da Universidade de Campinas, contou, numa en-

trevisa exclusiva ao GLOBO, como nasceu a idéia e como foi realizado este primeiro vestibular isolado.

— Já há muito tempo que achávamos que o vestibular instituído pela Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular) — a "cesgrario" paulista — não selecionava os candidatos de acordo com as necessidades da universidade. Então, em maio do ano passado, criamos uma comissão de professores, que de deliberativa imediatamente foi transformada em executiva e começou a organizar o vestibular dentro de uma nova filosofia: um vestibular que trocasse a cruzinha pela palavra, que trocasse o adestramento pelo raciocínio. Foi isso que fizemos.

Dentro deste novo parâmetro, o novo modelo de vestibular da Unicamp testaria também, além das habilidades mínimas que um aluno que pretende ingressar no Terceiro Grau deve apresentar, as habilidades específicas para o curso em que se inscreverá.

— E além de recuperar a capacidade de expressão dos candidatos, que vem diminuindo a cada ano, este tipo de concurso proporcionaria uma interação entre a Universidade e as escolas de Primeiro e Segundo graus.

Segundo Sette, o ensino nesses dois graus foi deformado em decorrência mesmo da própria estrutura-

ção da provas do vestibular com questões de múltipla escolha.

— Isso chegou a interferir até na confecção dos livros didáticos, que passaram a ser elaborados da seguinte maneira: uma parte teórica, constituída apenas pelo resumo das partes principais, seguida de uma bateria de exercícios. As escolas também estavam se especializando em treinar seus alunos para aquele tipo de prova, deixando o aspecto pedagógico de lado.

Uma outra questão fundamental foi a de que se um vestibular elaborado apenas com questões discursivas não implicaria um elitismo ainda maior do que o que já existe hoje. Quem respondeu foi o professor Jocimar Archangelo.

— É claro que, de início, vai preverecer o quadro de hoje: o número de universitários vindos das escolas particulares vai ser bem maior do que o dos que vêm das públicas. O problema não é assim tão simples.

Você modificando o sistema de acesso dos estudantes às universidades, não estará, é lógico, solucionando todos os problemas do País, que só será solucionado se houver uma redistribuição global de renda. O vestibular não vai resolver esta questão e nem mesmo minimizá-la.

Mesmo tendo consciência do aspecto elitizante desta nova fórmula

de vestibular, a Unicamp montou dois grandes projetos, em cima das modificações do próprio vestibular, para tentar mudar este quadro. O primeiro, denominado "Unicamp nos Colégios", visa aproximar a universidade das escolas de Primeiro e Segundo graus, através de palestras onde os professores universitários falariam aos estudantes sobre a própria Unicamp, sobre os diversos cursos, enfim, sobre tudo o que os alunos encontrariam no Terceiro Grau.

— Learemos esses estudantes para conhecer o campus universitário, para conhecer os diversos departamentos Agora, o principal mesmo é que já começamos a colocar este projeto em prática, nas escolas públicas de Campinas — explicou o professor Jomar.

O segundo projeto tem como finalidade acompanhar de perto toda a vida acadêmica dos alunos da Unicamp sob o ponto de vista estatístico, como explicou o professor:

— Isto será feito desde o momento em que ele se inscreve para fazer o vestibular. E mesmo depois que ele sai, quando este acompanhamento será feito através do Escritório dos Ex-Alunos, já montado para este fim. Com isso, veremos se o tipo de aluno que a universidade está formando é realmente aquele que desejariamo, ou não.